

Olhos Negros

Glória Lopes

O vazio é úmido. E cheira a terra molhada.

Notou isso no escuro do apartamento quando o nariz farejou chuva na segura da cidade. Agora, na várzea, o cheiro entrava pelos poros e tudo estava igual, dentro e fora.

Toda a paisagem era de barro vermelho molhado, uns verdes respingados aqui e ali. O temporal do fim de tarde ainda estava vivo nas marcas de gotas pelo chão. Em passos incertos, escorregadios, aproximou-se de um mar de lama. Identificava-se, de certa maneira, com aquela pasta estranha. Algo dentro de si é assim, uma argila esperando que lhe dêem forma.

Enfiou a mão no charco e mexeu lentamente os dedos. Se pudesse remodelaria sua vida. Mas os olhos muito negros dela queimavam suas certezas. Ainda que fosse possível, não saberia o que fazer... que nova forma assumir?

Seus joelhos fraquejaram, o corpo pousando surdo no barro. Ergueu a mão e ficou olhando: a lama espessa agarrou-se à pele, depois escorreu lentamente.

Queria perder-se nela. Mergulhar em seu corpo como se fosse um lago...

... admitiu isso com um ardor no estômago...

Puxou a terra molhada pelo braço, divertindo-se com o toque áspero, fresco, quase sensual. Deitou um pouco mais o corpo, sentiu-se escorrendo como a lama, e não se importou quando os cabelos tocaram o chão, e rolou quase alegre para os lados, virando terra a cada novo giro. Queria sentir a vida em suas últimas consequências, nem que fosse só uma vez.

Gosto do encanto que ela me causa! Dos sonhos que provoca em mim...

..... mas.....

... por quê??!!.....

...o que há em você que eu quero absorver? Por que meus olhos não sabem como te largar? Se eu decorar teus trejeitos eu me torno uma pessoa melhor? E se eu souber teu sabor, torno-me mais real ?

Esticou os braços e chapinhou na lama, sentindo-a espirrar para todos os lados... relaxou os músculos, sentiu-se afundar... enraizar...

Há uma poesia no modo como ela move as mãos...

... mãos... tuas mãos...

... foram elas que me conquistaram?

Ou foi esse riso solto,

torto,

tortuoso

onde sempre tro

peço

e me

perco...

???

Por que eu te sei só de te olhar? E por que te sabendo, reconheço-me nos teus neurônios, mesmo havendo todo um abismo de diferenças entre nós? O que, exatamente, eu amo em você?

O que em você é igual a mim?

ou...

o que você é - e eu nunca vou ser?

...

...

...

(O vazio é úmido. E cheira a terra molhada.)

Fugindo do marasma, rolou desnorteadamente pelo barro, parou quando as forças acabaram, a cara metida na terra, o ar faltando mais do que de costume. Sentiu um frescor mordiscando suas costas e então os pingos tamborilaram pelo mato. Girou mais uma vez e recebeu um vento forte pelas narinas. A chuva recomeçou, mais forte do que antes, os pingos grossos batendo em seu rosto, lavando a terra que lavou seu corpo, o gosto de lama entrando pela boca. Sentiu-se estremecer e sufocar, a água escorrendo pela cara, mas não conseguia saber se era a chuva ou se, finalmente, chorava. O peito abria-se numa flor agoniada, a voz dela pastosamente grudada nos ouvidos... a voz que, mesmo lhe dizendo coisas amargas, era aveludada.

Como entender a imprevisibilidade do que sentia? Vinha por aí a origem de sua angústia. Dessas coisas que acontecem com a gente e perdemos o leme. Ela chegou e foi lhe revirando a pele... Quando caiu em si já era tarde: quarenta graus de amor lhe consumiam a razão.

E mais estranho que a febre era ter o medo como um sintoma primário, o caroço que externava a doença prenunciada. Medo de que ela soubesse. Medo do que pensaria. Medo de que todos soubessem. Medo do que pensariam. Medo.

.
. .
.

(O vazio é úmido. E cheira a terra molhada.)

.
. .
.

E se eu tivesse coragem?, soluçou junto de um trovão, a chuva dando-lhe tapas, dando-lhe tapas... (Afogava-se por não se compreender. E no fundo nutria um desejo esquisito: ser simples como um pé de manga).

O corpo abandonado ao chão, ao mal tempo, afundando, afundando. Por um segundo compreendeu: é preciso pular no charco, e rolar na lama, inundar-se de chuva, amassar o barro, sujar-se de vida, pra ser alguém inteiro.

Sujar-se de vida! Ah, fui sempre tão clean!

...medo... do mergulho, da sujeira...

A chuva não se apieda: castiga nodosa, dolorida. Aos poucos tudo é água, chuva, barro. Já não sabe o que é lama, o que é seu corpo. É como se as larvas que devoram a terra nascessem de sua alma. Sim, é assim: num inexplicável encanto, raízes saem de seus dedos e bebem a terra. Aos poucos sua pele traveste-se em casca amadeirada. E em minutos são tantas as flores que brotam de sua carne, sua vida virando um jardim. O corpo mergulhado na lama, misturado à lama. Já não é mais ar o que respira, é de barro que o pulmão se alimenta. Corpo virando argila, cristalizando na terra, sufocado. Não cabe mais em si, não sabe mais de si. Nada mais sente, nada enxerga. Apenas o negro dos olhos dela.

Glória Lopes (glohlopes), paulista de Guaratinguetá, reside há sete anos em São Paulo. É funcionária pública, psicóloga não praticante, e artista amadora. Viciada em internet e balas de hortelã. Detesta filmes de terror e a nova reforma ortográfica. conto publicado no blog Poética Livre: <http://poeticalivre.wordpress.com/2011/09/06/olhosnegros/>
